

Finalmente, a teologia sempre encontrará nas suas fontes um impulso para a tolerância e o pluralismo de modelos éticos de vida, sabendo que a legitimidade de onde fala é uma Palavra Crucificada e que o perdão e a misericórdia têm precedência sobre a legalidade intolerante e sobre o fracasso dos actos humanos.

JORGE TEIXEIRA DA CUNHA

## A fé cristã, inspiradora de criação artística

### 1.

A fé não se pode limitar à dimensão cognoscitiva de um corpo doutrinal, envolve a experiência, configurante de um crente determinado e configuradora de uma acção concreta.

A fé não existe em abstracto. Consiste numa vivência que se dá a conhecer, que se transmite num processo permanente de procura e de encontro com o Absoluto, com os outros, homens e mulheres, e com todas as criaturas. A fé é uma dimensão existencial absoluta que prenuncia e pronuncia um processo de identificação.

Tudo, pela fé, se transfigura em sinais ou vestígios de algo, mas sobretudo de alguém. A fé resulta de um encontro com o Absoluto que interpela e que se esconde para ser procurado sempre mais.

A fé cristã, a fé em Cristo, Verbo encarnado, rosto visível de Deus, faz de Cristo o Absoluto, e, indissolavelmente, faz do Homem o sinal por excelência, o símbolo e o sacramento da presença criativa de Deus na História.

A fé cristã resulta de e numa “imitação”. Esta palavra tradicional significa o termo de uma identificação dinâmica (conhecer, amar, imitar): de Deus conosco, na Encarnação de seu Filho, e de cada um de nós com Deus na pessoa de Cristo. Deus quis “imitar” o homem em Cristo, e, por isso, o homem é chamado a “imitar” Deus em Cristo.

São Paulo, na Carta aos Filipenses (Fil 3, 12-14), representa Cristo como a meta no estádio, e também como o princípio do percurso. Nós corremos porque já fomos encontrados por Aquele que procuramos. Paradoxo da “imitação”! Na parábola evangélica do “tesouro”, o homem descobre e

volta a esconder o seu achado precioso (cf. Mt 13, 44). Qual a razão pela qual o esconde? Adquire o “tesouro” e, porque já o possui, não desiste nunca de o procurar sempre mais, para o encontrar sempre melhor.

A meta, horizonte sempre maior, e o tesouro, cuja descoberta nos leva a vender tudo para o comprar, são parábolas que nos falam de Cristo e podem significar também os dois complementos da Fé: a Esperança e a Caridade. Sem elas, suas amigas e irmãs, a Fé ficaria sem olhos e sem mãos. São os olhos que nos levam a procurar, mas são as mãos que nos fazem encontrar.

Cristo é “o belo Pastor” (Jo 10, 11) que nos conduz e por isso vai conosco, mas é também o Anfitrião que nos prepara a mesa e nos abraça na Casa do Pai (cf. Sl 22). É com as mãos que nos serve, mas é com os olhos que nos atrai.

## 2.

A arte é um verbo e um substantivo, não é um adjectivo nem um advérbio. A arte brota num objecto, nunca se fecha num subterrâneo. A arte realiza sempre alguma coisa, põe no ser, faz vir à luz uma nova criatura.

Falar de criação artística parece um pleonasma. Não há arte sem criação. O artista é um criador. Podemos compreender, na pessoa do artista, um estado de posse, o “habitus” da filosofia aristotélico-tomista, uma qualidade com que o artista nasce. Mas sem a concretização operativa numa obra de arte, essa qualidade ficaria estéril, não passaria de uma capacidade vazia, sem expressão. A obra é que define o artista. Sem a obra de arte, o artista não sabe quem é.

O artista é um operador e um operário. Faz uma operação, realiza uma obra. Mas é também a “operação” que nele se realiza e com a qual ele colabora, que faz o artista. Se o “habitus”, de que falei, representa o “tesouro”, a obra consiste na “meta”.

O artista, de facto, nunca descansa na obra realizada, exprime, nela, um processo de realização. A obra está sempre à sua frente. A obra de arte é como a morte. Acontece o mesmo com qualquer pessoa, afinal. A morte é a nossa realização suprema.

A arte é conhecimento e experiência. Conhecimento de empatia e experiência de lucidez. Enquanto conhecimento e experiência, a arte distingue-se da filosofia, porque se concentra na singularidade dos seres. E distingue-se da mística, porque precisa sempre da mediação da imagem. A

arte chamada abstracta, se tal designação é possível, não pode existir, para ser arte, sem a concreta exemplaridade de uma imagem.

A oração, como conhecimento e experiências fundamentais na vivência religiosa, diz e ouve uma “palavra” diante do Absoluto. A arte cria uma “palavra” humana no diálogo imediato com as coisas relativas. Rigorosamente, a arte não reza, como a oração não é, em si mesma, arte. Mas pode haver entre elas laços afectivos de camaradagem fraterna.

Sem mundo, isto é, o conjunto de todas as coisas criadas, não há arte. Deus, porém, quis precisar do mundo para Se mostrar. O mundo é obra da arte de Deus. A obra da arte do homem mostra o mundo, no qual o homem se inclui e, mostrando-o, é mostração, em última análise, d’Aquele que no mundo se mostra, e nele se esconde e por ele e nele se deixa procurar.

Que faz a arte, enquanto conhece e experiencia? Procura mostrar o que tal coisa criada é no horizonte do ser. A arte mostra a coisa criada pelo artista como dom de um determinado acto de criação e, ao mesmo tempo, situa essa coisa criada no diálogo com todas as outras coisas criadas. Assim, a obra de arte, enquanto posta no ser pelo artista, insere-se num universo de criaturas já existentes. O artista rigorosamente não inventa, encontra uma coisa que o encontra e que ambos situam no horizonte da beleza.

A arte procura mostrar a beleza. A arte é mostração de ser como dádiva. É mostração porque é “imitação” do processo criador do mundo que mostra uma coisa que atrai e estimula a criatividade do artista.

A arte, na obra de arte, mostra o quê? A beleza como horizonte de compreensão plena da obra. O artista faz o que faz, diz o que diz. Mas essa obra feita e dita transcende-o. Uma vez feita, diz sempre mais.

Este “mais” é a sua glória, a sua ferida e a sua razão de ser. A arte revela: o artista, a obra de arte, o artista na obra de arte, a obra de arte no artista e a obra de arte e o artista na beleza, no horizonte da beleza, na meta de toda a criação. Cada ser é, assim, transfigurado na obra de arte, revelado na sua singular revelação de ser mais do que parece ser.

## 3.

Referir a inspiração da fé cristã na criação artística pode equacionar-se, em primeiro lugar, trocando um pouco os termos, se dissermos, por exemplo, inspiração da fé artística na criação cristã.

Se a criação cristã, como empenho concreto ao serviço do mundo, não levar o cristão a anular-se diante do mundo, torna-se retórica

fundamentalista. Se a fé artística, por outro lado, também ela não integrar em si a humildade que leva o artista a anular-se diante da sua própria obra, torna-se um espelho inútil. Se o artista não se anular diante da obra de arte, transforma-se, não na “coisa amada”, como no soneto de Camões<sup>1</sup>, mas numa espécie de fotocópia de si mesmo, vazia, insignificante. O artista só perdura na obra de arte, que perdura, autónoma na contingência do mundo que a põe no ser, ao alcance de quem dela se quiser servir, numa procura sempre renovada de simpatia.

O artista precisa de desenvolver em si mesmo, numa espécie de ascese, aquela “certa altíssima impersonalidade”, que Raissa Maritain refere em *Les grandes amitiés*, e que René Voillaume transcreve na epígrafe do seu prefácio ao Diário de Raissa: “A beleza do estilo que convém à verdade das coisas espirituais é talvez a da pureza e da transparência, e de uma certa altíssima impersonalidade (*une certaine très haute impersonnalité*), mais do que a de uma originalidade demasiado caracterizada”<sup>2</sup>. Não se trata de despersonalização, mas de desprendimento, como se a obra de arte que no artista é gerada, fosse um filho que, quando nasce, se desprende do seio em que foi gerado.

Dante, na *Divina Comédia*, diz que a arte é “quase neta de Deus” (*si che vostr'arte a Dio quasi è nepote*)<sup>3</sup>. Compreende-se a lógica cristã do Poeta: se o artista é filho de Deus, e a obra de arte é filha do artista, segue-se que a obra de arte continua em si, como coisa viva, o acto gerador de Deus, prolonga e actualiza a filiação divina, levando a encarnação do Verbo até à realização perfeita da obra de arte, posta no ser como uma nova eucaristia.

Tal como a fé, a arte também precisa da esperança e da caridade.

#### 4.

Poder-se-á exprimir a beleza sem rosto? A beleza tem rosto? A beleza é rosto? O rosto da beleza, pode-se exprimir na obra de arte?

<sup>1</sup> Luís de Camões, *Transforma-se o amador na cousa amada*, in *Obra Completa* (ed. Aguilar), Rio de Janeiro, 1963, p. 301.

<sup>2</sup> *Journal de Raissa* (publié par Jacques Maritain), Desclée de Brouwer, Paris, 1963, p. IX.

<sup>3</sup> Dante Alighieri, *La Divina Commedia* (a cura di Natalino Sapegno), vol. I, *Inferno*, XI, 105, nota: “cosicchè, come la natura può dirsi legittimamente figlia di Dio, l'arte umana, che dipende dalla natura, è da considerarsi quasi nipote a Dio”, “La Nuova Italia” editrice, Firenze, 1974, p. 129. “Assim, de Deus, vossa arte é quase neta”, Dante Alighieri, *A Divina Comédia*, tradução de Vasco Graça Moura, Círculo de Leitores, 1998, p. 100.

Esta questão, nos nossos dias, parece fora do propósito da actividade artística como tal. Mas dilucidar o que cada artista procura realizar, supõe a máxima atenção ao seu processo consciente, um verdadeiro discernimento, não como razão e cálculo, mas como atenção espiritual às moções que estimulam, de facto, a sua actividade criadora. Para que não lhe venha a acontecer aquilo que T. S. Eliot prevenia num dos seus ensaios: “O mau poeta é geralmente inconsciente quando deveria ser consciente, e consciente quando deveria ser inconsciente”<sup>4</sup>.

Uma tal atenção espiritual, em qualquer artista, é absolutamente indispensável. Sem ela o artista corre o risco de se tornar um autómato, vítima da ideia pré-concebida que dispõe o seu labor como uma “prova”, um argumento, um programa, uma catequese. Como se já previamente elaborasse a conclusão que pretende falsamente atingir. Toda a obra de arte resultaria, assim, numa “natureza morta”, desvirtuada da surpresa admirativa que sempre a faz viver e comunicar.

Quando deve o artista ser “inconsciente”? Quando a sua “inconsciência” coincidir com um “mais”, uma espécie de supra-consciência, que supera todas as dimensões cósmicas e toda a ciência (cf. Ef 3, 18-19). Alguns chamam-lhe magia, aura, “um não sei quê”<sup>5</sup>, graça...

O artista cristão, no entanto, sabe que essa “graça” se chama Espírito Santo, e que é Ele quem preenche o mundo e ora no seu coração “com gemidos inefáveis” (Rom 8, 26). Gemidos que poderíamos, neste contexto, qualificar de “inconscientes”, porque brotam das profundidades abissais da consciência e são incapazes de ser proferidos, à superfície consciente, por palavras humanas.

Se Moisés não fosse “inconsciente” do que significava a “sarça ardente”, como poderia aproximar-se para tentar decifrar o enigma de ela o atrair de modo tão inefável, ardendo sem se consumir (cf. Ex 3, 2-3)? Quer dizer: ao falarmos de “arte cristã” ou de “fé artística”, não estamos a condicionar a liberdade de expressão nem a querer incutir, no artista, um modo de proceder extrínseco, coactivo da sua expressão gratuita.

Pelo contrário. A inspiração, velho tema da estética ocidental, é Alguém que respira no coração do artista. Interpela-o profundamente.

<sup>4</sup> T. S. Eliot, *Ensaio de doutrina crítica*, trad. port. de Fernando de Mello Moser, Guimarães editores, Lisboa, 1962, p. 34.

<sup>5</sup> Luís de Camões, Soneto *Busque Amor novas artes, novo engenho*, vv. 13-14: “Um não sei quê, que nasce não sei onde, / Vem não sei como, e dói não sei porquê”, ed. cit., p. 273.

Estimula-o num diálogo criativo. Compromete-o, finalmente, na enunciação de uma obra. Fala, nela e para além dela, da beleza que salvará o mundo.

“Que beleza salvará o mundo?”, pergunta-se o Cardeal Martini num belo opúsculo que traz este mesmo título <sup>6</sup>. A beleza da Páscoa, que reflecte o rosto de Cristo, aquele “selo”, forte como a morte e indomável como as torrentes do abismo, que o Amor grava na mão do artista, como no braço da esposa do *Cântico dos Cânticos* (Cant 8, 6)!

MÁRIO GARCIA, S.J. \*

## Economia, globalização e conceito cristão de Justiça

### 1. A globalização é o carácter expansivo da economia de mercado levado à escala mundial

Como o tema desta minha intervenção é “Economia, globalização e conceito cristão de Justiça” vou começar por definir o que entendo por globalização. Para mim a globalização é essencialmente o alargamento à escala mundial do predomínio da economia de mercado sobre outras formas de organização económica.

Este alargamento não acontece nem por acaso, nem por vontade expressa de grandes empresários e de políticos influentes, embora o acaso e a vontade de alguns indivíduos tenha aí certamente a sua parte. Ele resulta essencialmente do carácter intrinsecamente expansivo da economia de mercado decorrente de vários factores dos quais vou aqui destacar quatro.

#### 1.1. Especialização baseada em vantagens comparativas

Para haver mercado é preciso haver divisão do trabalho. Muitas vezes esta divisão acontece porque as pessoas e as organizações produtivas têm vantagens comparativas no fabrico de determinados bens e serviços, isto é, conseguem-nos produzir com custos de oportunidade mais baixos do que outras unidades produtivas.

Ora quando as transacções se estabelecem entre organizações produtivas com base na especialização de cada uma nos produtos onde tem menores custos de oportunidades, as partes envolvidas, no seu conjunto, conseguem produzir mais do que se não transaccionassem entre si. Há

<sup>6</sup> Carlo Maria Martini, *Que beleza salvará o mundo?*, Paulinas, Lisboa, 1999.

\* Professor de Literatura Portuguesa no Curso de Humanidades da Faculdade de Filosofia de Braga, da Universidade Católica Portuguesa.